

ANÁLISE DO DISCURSO FRANCESA: PÊCHEUX E FOUCAULT, DOIS “MICHEIS” EM SEUS (DES)ENCONTROS¹

Luciana AZEREDO

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET-MG

Viviane Dinês BARTHO

Instituto Federal de São Paulo - IFSP

Resumo: A Análise do Discurso Francesa (AD) é uma área do conhecimento heterogênea e desenvolvida de modo interdisciplinar, tendo como representantes fundamentais Michel Pêcheux e Michel Foucault, dois “Micheis” que mantiveram seus estudos discursivos de forma independente, mas que, a nosso ver, desenvolveram noções teóricas que estabelecem relações entre si e que, quando estudadas detalhadamente e de modo articulado, podem proporcionar compreensões mais efetivas sobre o domínio de estudos do discurso e sua análise. Nosso objetivo é, pois, lançar um olhar para as contribuições dos dois referidos “Micheis”, buscando relações entre eles. Metodologicamente, este estudo é de natureza teórico-reflexiva, por meio da qual revisitaremos alguns conceitos e concepções de Pêcheux e Foucault para, então, estabelecermos aproximações e distanciamentos, movimentos teóricos que podem contribuir para estudos aplicados em AD.

Palavras-Chave: Análise do Discurso Francesa. Relações entre Pêcheux e Foucault. A atividade do analista do discurso.

FRENCH DISCOURSE ANALYSIS: PÊCHEUX AND FOUCAULT, TWO “MICHELS” AND THEIR (DES)ENCOUNTERS

Abstract: The French Discourse Analysis is an area of heterogeneous knowledge developed in an interdisciplinary way. Michel Pêcheux and Michel Foucault are its main representatives, two “Michels” who led their discursive studies independently but, who have developed theoretical notions that establish relationships among themselves. These notions, when studied in detail and in an articulated way, can provide more effective understanding about the domain of discourse studies and its analysis. Our aim is, therefore, to take a look at the contributions of the two “Michels”, seeking relationships between them. Methodologically, this is a theoretical-

¹ Este artigo teve como ponto de partida um capítulo elaborado para a tese de Azeredo – defendida em 2018 –, uma das autoras deste estudo. A partir dessas reflexões iniciais e de interlocuções teóricas entre as autoras, ambas em processo de doutoramento na época, decidiu-se por um aprofundamento mais específico do entrelaçamento entre Pêcheux e Foucault, que aqui apresentamos em forma de artigo.

reflexive study by means of which we will revisit some of Pêcheux's and Foucault's concepts in order to establish approximations and distances, theoretical movements that can contribute to applied studies in Discourse Analysis.

Keywords: French Discourse Analysis. Relations between Pêcheux and Foucault. The activity of the discourse analyst.

ANÁLISIS DEL DISCURSO FRANCÉS: PÊCHEUX Y FOUCAULT, DOS “MICHELES” EN SUS (DES)ENCUENTROS

Resumen: El Análisis del Discurso Francés (AD) es un área del conocimiento heterogénea y desarrollada de modo interdisciplinario y tiene como representantes fundamentales a Michel Pêcheux y Michel Foucault, dos "Micheles" que mantuvieron sus estudios discursivos de forma independiente, pero que, a nuestro ver, desarrollaron nociones teóricas que establecen relaciones entre sí y que, cuando estudiadas detalladamente y de modo articulado, pueden proporcionar comprensiones más efectivas sobre el dominio de estudios del discurso y su análisis. Nuestro objetivo es, pues, echar una mirada a las contribuciones de los dos referidos "Micheles", buscando relaciones entre ellos. Metodológicamente, este estudio es de naturaleza teórico-reflexiva, por medio del cual revisitaremos algunos conceptos y concepciones de Pêcheux y Foucault para, entonces, establecer aproximaciones y distanciamientos, movimientos teóricos que pueden contribuir para los estudios aplicados en AD.

Palabras-clave: Análisis del discurso francés. Relaciones entre Pêcheux y Foucault. La actividad del analista del discurso.

INTRODUÇÃO

A Análise do Discurso teve suas origens nas décadas 50 e 60 e fez parte do que Gregolin (2006) chama da “aventura estruturalista”, a qual reuniu teóricos de diversas áreas, como a Filosofia, a Sociologia e a Linguística, com pontos de vista, muitas vezes, conflitantes como o de Lévi-Strauss, Dumézil, Jakobson, Althusser, Lacan, Foucault, Pêcheux, entre outros, todos tomando por base Saussure. O Estruturalismo “pareceu necessário [para] unificar as diversas tentativas de renovação das ciências humanas numa única corrente, senão numa única disciplina mais geral que a Linguística” (GREGOLIN, 2006, p. 21-22). Ainda a respeito do estruturalismo, Pêcheux (2006, p. 44) salienta que

[...] (tal como se desenvolveu particularmente na França dos anos 60, em torno da linguística, da antropologia, da filosofia, da política e da psicanálise) pode ser considerado, desse ponto de vista, como uma tentativa anti-positivista visando a levar em conta este tipo de real, sobre

o qual o pensamento vem dar, no entrecruzamento da linguagem e da história.

Nasce, então, a Análise do Discurso que atravessa e é atravessada por vários campos do saber, dialogando com áreas como a Filosofia, a Antropologia, a Sociologia, a Psicanálise etc., com o intuito de problematizar questões sobre sujeito, discurso, ideologia, língua, linguagem, relações de poder e saber, entre outras.

No campo da Linguística, especificamente, foram de suma importância a publicação das pesquisas de Harris, distribucionalista americano, com forte embasamento na Antropologia e na descrição de línguas indígenas; a de Jakobson, que participou dos círculos de Moscou e de Praga e viveu exilado nos Estados Unidos, onde teve contato com Lévi-Strauss; e a publicação de trabalhos de Benveniste. Este último ressaltou o papel do sujeito na enunciação e trabalhou a relação sujeito-enunciado-mundo; já o primeiro ainda não considerava questões de significação e do contexto sócio-histórico de produção, que marcaria a análise do discurso posteriormente. Dos estudos desses teóricos, podemos dizer que nasceram as duas principais correntes da análise do discurso, a perspectiva americana e a perspectiva europeia ou francesa (BRANDÃO, 2004; GREGOLIN, 2006).

A perspectiva francesa, que embasa este trabalho, parte de uma relação necessária entre o dizer e as suas condições de produção, o que significa que a exterioridade é tida como um marco fundamental. “Essa forma de ver o discurso implicou um grande deslocamento teórico e uma postura interdisciplinar” (BRANDÃO, 2004, p. 15). Para Análise do discurso de orientação francesa, dois conceitos são fundantes: o de ideologia via Althusser e o de discurso com base em Foucault, ambos basilares para as noções formuladas por Pêcheux (BRANDÃO, 2004), como veremos mais adiante.

Ao Brasil, a partir da década de 70, chegaram diversas teorias e métodos vindos de alhures, entre elas a Análise do Discurso, tanto de linha francesa (doravante AD) como de linha anglo-saxã. Em terras brasileiras, como em cada cultura específica, uma teoria “experimenta, absorve, assimila e/ou reprocessa dos legados de outras tradições de pensamento tão somente aquilo que se ajusta e se ajeita aos seus modos de agir e pensar” (PIOVEZANI; SARGENTINI, 2017, p. 8). A boa recepção da AD e sua significativa difusão na década de 80 em nosso país envolveram vários aspectos políticos, históricos e sociais, além do fato de que “nasceram ambos [o Brasil e a



AD] de um processo que une o distinto e cria um uno diverso de si mesmo” (PIOVEZANI; SARGENTINI, 2017, p. 8). Atualmente, há uma grande heterogeneidade dos estudos do discurso no Brasil que reproduz, a seu modo e em seu interior, a diversidade gestada no velho mundo e na América.

Neste trabalho, de cunho teórico-reflexivo, delimitamos tecer uma discussão acerca da Análise do Discurso francesa, resgatando conceitos-chave desenvolvidos, especificamente, por Pêcheux e Foucault, cada um à sua maneira, mas, em certa medida, de forma articulada, podendo-se estabelecer pontos de contato entre as visões e os focos teóricos desses dois pesquisadores. O objetivo, portanto, é lançar um olhar para as contribuições desses dois “Micheis”, buscando relações entre eles. Entendemos que, como campo complexo do conhecimento que é a AD francesa, sempre são válidas reflexões e discussões que visem melhor compreender as suas bases teóricas; bases estas nas quais se ancoram os mais inéditos estudos sobre o discurso.

No que tange à obra de Pêcheux, valer-nos-emos, sobretudo, do livro *Discurso: Estrutura ou acontecimento*, no qual o autor discute a análise, como ação ética e política que busca objetividade descritiva para realizar interpretações. Nele, o autor disserta sua teoria de forma consistente, pressupondo reflexões desenvolvidas em outros trabalhos que escreveu. Embasarmos-nos, também, na obra *Legados de Michel Pêcheux: inéditos em análise do discurso*, de Piovezani e Sargentini (2017), autores que nos apresentam textos de Pêcheux e seu grupo de pesquisa inéditos no Brasil. A respeito de Foucault, tomaremos como centro das reflexões aqui, para estabelecermos intersecções com Pêcheux, as obras *A Ordem do discurso*, livro no qual Foucault analisa a relação entre as práticas discursivas e as diversas formas de poder que as permeiam, e *A arqueologia do saber*, em que o autor discute conceitos como o de **formação discursiva, saber, enunciado, a priori histórico** e outros tantos.

Sobre o uso da obra foucaultiana para operacionalizar a AD, Sargentini² (2012, p. 10) esclarece que

[há uma] presença contínua do discurso no pensamento de Michel Foucault. É verdade que, em alguns momentos, a noção de discurso posta

² Na apresentação do livro *Discurso e sujeito em Michel Foucault*, de Cleudemar Alves Fernandes, cujas referências completas se encontram na seção “Referências” deste trabalho.

em evidência em Foucault aproxima-se mais das preocupações inerentes aos linguistas, em outras ela se afrouxa e as noções de sujeito, de poder e da ética de si parecem suplantar a primazia da preocupação com o discurso (inserções nossas).

Além das obras citadas, pautar-nos-emos em autores que abordam as aproximações e os distanciamentos entre os postulados teóricos da AD, em especial de Pêcheux e Foucault. Dentre eles, destacamos: Fernandes (2007, 2012), Gregolin (2006), Orlandi (2006, 2009), Brandão (2004), Mazière (2007) e Mascia (2002).

1. ANÁLISE DO DISCURSO DE PERSPECTIVA FRANCESA E AS CONTRIBUIÇÕES DE PÊCHEUX E FOUCAULT

Mas, afinal, o que é analisar o discurso? Empreender uma análise na/pela perspectiva discursiva

requer fazer aparecer os aspectos referentes à forma de existência social dos sujeitos tendo em vista os aspectos linguísticos, sociais e históricos que engendram sua constituição nas formações discursivas, na formação e transformação desses sujeitos e dos objetos que constituem. (FERNANDES, 2012, p. 30).

A análise do discurso “busca descrever e interpretar a constituição, a formulação e a circulação dos sentidos na sociedade, mediante a articulação necessária e indissociável da língua com a história” (PIOVEZANI; SARGENTINI, 2017, p. 15). Trata-se de um domínio teórico que nasceu da articulação entre a linguística, a psicanálise e o materialismo histórico e no qual

a língua, o sujeito, a história e o sentido são concebidos no interior das relações em que saberes e poderes não se dissociam no processo discursivo. Esses princípios provenientes da Análise do discurso de Pêcheux e seu grupo e dos aportes de Foucault são hoje incontornáveis para boa parte da AD praticada no Brasil e tornaram-se fundamento a partir do qual se desenvolveram as reformulações e aprofundamentos em nossas reflexões teóricas e em nossas práticas analíticas (PIOVEZANI; SARGENTINI, 2017, p. 16).

Ainda, segundo Fernandes (2012), analisar o discurso, especificamente, via a arqueologia foucaultiana, é

um convite e, ao mesmo tempo, um desafio, cuja proficuidade possibilita explorações analíticas inesgotáveis: analisar os discursos como práticas determinadas pela história, compreender **a história** nesse ínterim, como acontecimentos marcados por descontinuidade (e o discurso também é acontecimento); trabalhar com **o arquivo** – enunciados efetivamente produzidos em uma época sob um princípio de regularidade -; apreendê-lo parcialmente, visto ser a totalidade inalcançável. Nesse contexto, **o funcionamento e a constituição dos sujeitos** em relação com os outros discursos constituem objetos para análise (FERNANDES, 2012, p. 46, grifos nossos).

Por discurso, conforme a perspectiva discursiva, entende-se o “movimento dos sentidos, errância dos sujeitos, lugares provisórios de conjunção e dispersão, de unidade e de diversidade, de indistinção, de incerteza, de trajetos, de ancoragem e de vestígios” (ORLANDI, 2009, p. 10). Ainda conforme Orlandi (2009), ao considerarmos discurso como palavra em movimento, um processo em curso, como prática de linguagem, como efeito de sentidos entre locutores, atentamo-nos para o homem falando, no social, marcado sócio-histórico-ideologicamente. Para a autora, discurso difere de língua(gem) em si, mas precisa dela para ter existência material e/ou real, linguagem esta que funciona como mediação necessária entre o sujeito e a realidade natural e social, possibilitando não apenas permanência, mas também deslocamentos e transformações tanto do sujeito quanto da realidade na qual vive. A esse respeito, Possenti (1986, p. 64-65) ressalta que a questão fundamental é interrogar os enunciados sobre suas condições de aparecimento.

No que tange à linguagem, a AD, com base nos estudos de Pêcheux e Foucault, toma-a como um produto sócio-histórico e ideológico; como condição para que os discursos aconteçam; enquanto funcionamento discursivo, no qual não há espaço para eliminarem-se as contradições e a opacidade oriundas da heterogeneidade constitutiva, tanto dos sujeitos como de seus discursos. Para a AD, a linguagem (língua enquanto materialidade) é pressuposta, já que seu objeto de estudo é o discurso, que, de acordo com Pêcheux, reúne estrutura e acontecimento, ou seja, não só a materialidade linguística, mas também as condições de produção, o posicionamento discursivo, as formações discursivas em funcionamento, que afetam os efeitos de sentido produzidos em um dado acontecimento discursivo. Em síntese, a linguagem é considerada um processo contínuo de produção de sentidos, e a relação discurso-sujeito-ideologia é considerada como indissociável.

Embora seja difícil separar as contribuições de Michel Pêcheux e de Michel Foucault para a AD, optamos por trazê-las separadamente, fazendo costuras ao longo do texto. Tendo ambos os pesquisadores vivido na França, no mesmo contexto sócio-histórico (entre os anos 60 e 80), eles têm muitas afinidades teóricas e ideológicas. Dentre elas, destaca-se a grande influência althusseriana em suas (des)construções reflexivas. As mudanças drásticas ocorridas na França, tanto nas filiações teóricas quanto políticas, incidiram nos projetos de estudo pêcheutiano e foucaultiano e no nascimento da AD, tendo esta “uma forte veiculação com as teses do estruturalismo e do marxismo e pelas relações que ela estabeleceu com a obra de Althusser” (GREGOLIN, 2006, p. 34).

Em Pêcheux podemos ler, explicitamente, as teses mais radicais do althusserianismo, mobilizadas para a reflexão sobre o discurso, a ideologia, o sujeito, o sentido [...]. Ao mesmo tempo, há uma forte relação entre Foucault e Althusser tanto teórica quanto de afetividade, feita por aproximações e grandes polêmicas. O destino da análise do discurso francesa segue, portanto, o percurso entrelaçado desses três geniais filósofos (GREGOLIN, 2006, p. 52).

Não só Foucault e Pêcheux estão relacionados a Althusser, “mas vários intelectuais iniciaram suas carreiras através do apoio de Althusser” (GREGOLIN, 2006, p. 35), dentre eles, Gilles Deleuze, Jacques Derrida e Jacques Lacan. Os encontros, aulas e grupos de estudos em torno de Althusser eram regados a leituras e discussões sobre Spinoza, Nietzsche, Freud etc., tendo, muitas vezes, a abordagem fenomenológica sartreana em mira. Este grupo de intelectuais teve como um dos principais motores de seu movimento, segundo Gregolin (2006), a releitura de Saussure, com o intuito de separar a “Linguística do funcionalismo sócio-psicologista, apoiando-se, principalmente, nos trabalhos de Jakobson e de Benveniste” (GREGOLIN, 2006, p. 35). Ademais, os anos 60 foram também caracterizados por releituras de Freud e Marx, que, juntamente com Saussure, formam a Tríplice Aliança (estruturalismo, marxismo e psicanálise), sob a qual a AD nasceu e se desenvolveu, apresentando-nos “uma teoria do discurso que propôs um novo olhar para o sentido, o sujeito e a História” (GREGOLIN, 2006, p. 13).

Gregolin (2006), baseada em Pavel (1988), menciona que tanto Pêcheux quanto Foucault são alocados como pertencentes a um “estruturalismo especulativo” ou pós-estruturalismo, do qual também fazem parte Derrida, Althusser e Lacan. Trata-se de, na perspectiva foucaultiana e pêcheutiana, “historicizar as estruturas, estabelecer uma relação tensa com os conceitos e

métodos da linguística saussureana, problematizando o corte entre língua/fala, assim, fazendo retornar o sujeito e a história – que haviam ficado em suspenso” segundo a delimitação de Saussure pela *langue* como seu objeto de pesquisa. Vale mencionar que o conceito de História aqui se refere à “nova história”, que “se esforça em dar forma rigorosa ao estudo das mudanças e atribui um novo sentido ao *acontecimento*” (GREGOLIN, 2006, p. 31).

2. O PRIMEIRO MICHEL: PÊCHEUX

Michel Pêcheux (1938-1983), reconhecido como um dos fundadores da Análise do Discurso de linha francesa, propôs uma maneira de refletir sobre a linguagem que “aceita o desconforto de não se ajeitar nas evidências e no lugar já-feito” (ORLANDI, 2006, p. 7)³, fazendo-nos refletir nos entremeios, em interstícios disciplinares, no confronto entre a teoria e a prática, buscando (des)construir e compreender o discurso, seu objeto de estudo, em sua materialidade, no contato do social e do histórico com o linguístico.

Sua trajetória teórica sempre esteve repleta de transformações imbricadas nas mutações históricas e ideológicas de seu tempo. Alguns dos “conceitos fundadores da Análise do discurso – tais como formação imaginária, formação discursiva, interdiscurso e pré-construído, entre outros [...] são [...] abandonados ou se fortalecem” (PIOVEZANI; SARGENTINI, 2017, p. 27) ao longo de seu percurso de estudos. Seu contato em 1970 com a História, por meio de um outro Michel, Michel de Certeau, o contato com as ideias de Wittgenstein e a releitura de Foucault produziram “abalos teóricos que exigem a reconfiguração de uma possível e nova Análise do discurso” (PIOVEZANI; SARGENTINI, 2017, p. 27). Na década de 1980, a Análise do discurso não cessava de se questionar e reconhecer as necessidades de mudanças impostas pelas mutações em seus objetos de análise e pelas transformações na História.

Em seu livro *Discurso: estrutura ou acontecimento*, texto de uma conferência em 1983, ano de sua morte, Pêcheux trata do discurso e da análise do discurso, no entrecruzamento de três caminhos, o do acontecimento, o da estrutura e o da tensão entre descrição e interpretação. Menciona que, partindo de uma base teórica nova (Marx, Freud e Saussure), a AD pretende

³ Nota ao leitor, escrita por Eni Pulcinelli Orlandi em setembro de 1990 para a tradução do livro *O discurso: estrutura ou acontecimento* de Michel Pêcheux, do qual é a tradutora. A versão por nós usada é a 4ª edição, publicada pela Editora Pontes em 2006, conforme referências.

contrapor as abordagens estruturalistas que consideravam apenas a descrição dos arranjos textuais, mas não a produção de interpretações ou os efeitos de sentido. Segundo o autor, trata-se da “promessa de uma revolução cultural, que coloca em causa as evidências da ordem humana como estritamente bio-social” (PÊCHEUX, 2006, p. 45), o que exclui o simbólico e o significante e a castração simbólica, “negando como de hábito sua própria posição de interpretação” (PÊCHEUX, 2006, p. 47). O autor ainda esclarece que, no início da década de 80, no momento em que o estruturalismo ruía na França, essa vertente de estudos continuava a produzir seus efeitos em outros países como na Inglaterra, na Alemanha e nos Estados Unidos, devido às obras de teóricos franceses como Lacan, Derrida e Foucault.

A reviravolta ou choque de retorno no contexto intelectual francês, imbricada às mudanças e crises no cenário político do país, levou a uma “preocupação de se colocar em posição de entender esse discurso, a maior parte das vezes silencioso, da urgência às voltas com os mecanismos da sobrevivência [...], de se pôr na escuta das circulações cotidianas” (PÊCHEUX, 2006, p. 48). Diante desse panorama de quebra de paradigmas, Pêcheux propõe uma aproximação, tanto em teoria quanto em procedimentos de análise, entre “as práticas da análise da linguagem ordinária [...] e das práticas de ‘leitura’ de arranjos discursivo-textuais (oriundas de abordagens estruturais)” (PÊCHEUX, 2006, p. 49).

Segundo ele, essa maneira de trabalhar poderia nos impor algumas exigências, sendo a primeira a primazia dos gestos de descrição das materialidades discursivas, considerando o que é próprio da língua por meio do papel do equívoco, da elipse, da falta. Dito de outro modo, o objeto da Linguística para o autor é a própria língua que aparece atravessada

[...] por uma divisão discursiva entre dois espaços: o da manipulação de significações estabilizadas, normatizadas por uma higiene pedagógica do pensamento, e o de transformações do sentido, escapando a qualquer norma estabelecida a priori, de um trabalho do sentido sobre o sentido, tomado no relançar infinito das interpretações. (PÊCHEUX, 2006, p. 51).

Devido à existência do “outro”, é possível que haja a identificação ou transferência, ou seja, “a existência de uma relação abrindo a possibilidade de interpretar” (PÊCHEUX, 2006, p. 54). Além disso, de acordo com o autor, essa ligação, ocasionada por filiações históricas, organiza-se em memórias discursivas e em relações sociais, que se organizam em redes de significantes.

Pêcheux (2006) adverte que o problema crucial para a AD é determinar, em suas práticas de análise, o lugar certo e o momento correto da interpretação em face à descrição, ou seja, “dizer que não se trata de duas fases sucessivas, mas de uma alternância ou de um batimento, não implica que a descrição e a interpretação sejam condenadas a se entremisturar no indiscernível” (PÊCHEUX, 2006, p. 54), lembrando que “todo fato já é uma interpretação” (PÊCHEUX, 2006, p. 44). Ademais, ressalta o fato de que dizer que há possibilidades de interpretação para toda descrição não implica dizer que qualquer interpretação é possível. Isso porque a descrição de um enunciado põe em jogo “o discurso do outro como espaço virtual de leitura desse enunciado ou sequência” (PÊCHEUX, 2006, p. 55), por meio dos lugares vazios, de elipses, de negações, de múltiplas formas de discurso relatado, entre outros mecanismos enunciativos. Afinal, “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro” (PÊCHEUX, 2006, p. 53). Isto é, todos os enunciados são descritíveis do ponto de vista léxico-sintático, com “pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação” (PÊCHEUX, 2006, p. 53) e, na visão pêcheutiana, é nesses espaços, nesses pontos de deriva, que a AD pretende trabalhar, na suposição de que, somente por meio “das descrições regulares de montagens discursivas, se possa detectar os momentos de interpretações enquanto atos que surgem como tomadas de posição, reconhecidas como tais, isto é, como efeitos de identificação assumidos ou negados” (PÊCHEUX, 2006, p. 56). Trata-se de uma questão de responsabilidade, de ética e de política.

Para o autor, o ponto chave sobre esse discurso-outro presente na materialidade descritível dos enunciados é o fato de que, nos espaços transferenciais da identificação, convivem filiações históricas contraditórias que emergem por meio de palavras, imagens, narrativas, discursos etc. e, assim, as “‘coisas-a-saber’ coexistem com objetos a propósito dos quais ninguém pode estar seguro de ‘saber do que se fala’, porque esses objetos estão inscritos em um filiação e não são o produto de uma aprendizagem” (PÊCHEUX, 2006, p. 55). Trata-se, ainda, conforme Pêcheux (2006, p. 44), de novas práticas de leitura cujo princípio consiste “em multiplicar as relações entre o que é dito aqui (em tal lugar), e dito assim e não de outro jeito, com o que é dito em outro lugar e de outro modo, a fim de se colocar em posição de ‘entender’ a presença de não-ditos no interior do que é dito”.

Sobre a questão da discursividade como estrutura ou como acontecimento, Pêcheux (2006) ressalta o risco de “absorver o acontecimento desse discurso na estrutura da série na

medida em que esta tende a funcionar como transcendental histórico, grade de leitura ou memória antecipadora do discurso em questão” (PÊCHEUX, 2006, p. 56), isso porque “os enunciados remetem [...] ao mesmo fato, mas eles não constroem as mesmas significações [...]. O confronto discursivo prossegue através do acontecimento...”, em seu contexto de atualidade e no espaço da memória que ele convoca (PÊCHEUX, 2006, p. 20), ou seja, todo discurso é marcado por outros enunciados que o antecedem e que o sucedem, que fazem parte de outras discursividades ou relações interdiscursivas; logo os discursos estão relacionados a significações diferentes oriundas de condições de produção que, por sua vez, oferecem o contorno etnográfico e sócio-histórico aos acontecimentos.

Na perspectiva discursiva, vale lembrar que a linguagem não é concebida como transparente, completa e neutra. Nela, materializa-se a ideologia, são expressos os lugares socioideológicos assumidos pelos sujeitos. Trata-se, segundo Orlandi (2009, p. 95), de “uma prática, não no sentido de efetuar atos, mas porque pratica sentidos, intervém no real”, sentidos estes produzidos por e para sujeitos, não dados *a priori*, mas constituindo-se, juntamente com o próprio sujeito “sob o modo do entremeio, da relação, da falta, do movimento” (ORLANDI, 2009, p. 52).

Em suma, tendo o discurso como objeto de investigação, a AD trabalha, conforme explica Fernandes (2012 p. 16), com a linguagem em suas diferentes possibilidades de existência, considerando-a em uma relação direta com a História, que determina as possibilidades de realização da linguagem, e com os sujeitos.

3. O SEGUNDO MICHEL: FOUCAULT

O segundo Michel, cuja produção pode ser compreendida em três fases teóricas, também refletiu, palestrou e escreveu sobre tópicos como o discurso, as condições de produção e circulação deles, a verdade, o (já/jamais/não-) dito, em especial, mas não somente, em suas obras *A ordem do discurso* e *A arqueologia do saber*, nas quais nos pautamos neste artigo.

Para iniciar, trazemos o primeiro parágrafo de sua aula inaugural no *Collège de France*, em 2 de dezembro de 1970, que nos aponta para a dimensão do discurso e suas implicações e

para a sua inquietação diante do discurso em sua realidade material escrita ou falada. Ademais, inquietava-o sua existência

[...] transitória destinada a se apagar sem dúvida, mas segundo uma duração que não nos pertence; inquietação de sentir sob essa atividade, todavia cotidiana e cinzenta, poderes e perigos que mal se imagina; inquietação de supor lutas, vitórias, ferimentos, dominações, servidões, através de tantas palavras cujo uso há tanto tempo reduziu as asperidades. Mas, o que há, enfim, de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente? Onde, afinal, está o perigo? (FOUCAULT, 2009, p. 8).

Para Foucault (2009, p. 8-9), a produção do discurso é “ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certos números de procedimentos”, com o intuito de afastar seus poderes e perigos, tentar tomar o controle de um acontecimento aleatório e também se abster de sua materialidade, por vezes, dura e terrível.

Ao definir discurso como não “simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é também, aquilo que é o objeto do desejo”, ou seja, aquilo por que lutamos ou de um poder que queremos tomar (FOUCAULT, 2009, p. 10), o segundo Michel ressalta os procedimentos de controle e de delimitação do discurso, externos e internos. Aqueles que são exercidos de forma exterior funcionam como sistemas de exclusão, sendo um deles a interdição que se refere a quem pode dizer, o que pode dizer e em quais circunstâncias é possível dizer. Menciona também a separação (loucos e não loucos, especificamente), historicamente constituída, atrelada às instituições e com efeitos, ambos, instituições e efeitos, mutáveis ao longo do tempo, mas que, embora de modo diferente, ainda existem/persistem. Aborda, ainda, largamente, a vontade de saber que, desde a Grécia antiga, “não cessa de se reforçar, de se tornar mais profunda e mais incontornável” (FOUCAULT, 2009, p. 19) e que “tende a exercer sobre os outros discursos [...] uma espécie de pressão e como que um poder de coerção” (FOUCAULT, 2009, p. 18). Semelhantemente aos outros sistemas de exclusão, a vontade da verdade

apoia-se sobre um suporte institucional: é ao mesmo tempo reforçada e reconduzida por todo um compacto conjunto de práticas [...]. Mas ela é também reconduzida, mas profundamente sem dúvida, pelo modo como o saber é aplicado em uma sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído. (FOUCAULT, 2009, p. 17).

Quanto aos procedimentos internos ao discurso, Foucault (2009, p. 21) salienta que estes estão relacionados a “submeter outra dimensão do discurso: a do acontecimento e do acaso”. Ressalta, também, a existência das metanarrativas que, em toda sociedade, conservam sentidos. Conforme o autor, não há uma separação clara entre os discursos fundamentais ou criadores e os demais que os “repetem, glosam e comentam” (FOUCAULT, 2009, p. 23), pois estes estão imbricados de tal forma que “muitos textos maiores se confundem e desaparecem” (FOUCAULT, 2009, p. 23), tomando os textos-comentários o lugar do texto de origem. Em suma, “o novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta” (FOUCAULT, 2009, p. 26), afirmação muito relacionada ao que explica Pêcheux acerca da estrutura e do acontecimento. O sujeito fundante/fundador utiliza-se de signos, de letras, de palavras e de outros recursos para produzir um novo efeito de sentido. Ademais, ele

está encarregado de animar diretamente, com suas intenções, as formas vazias da língua; é ele que, atravessando a espessura ou a inércia das coisas vazias, reaprende, na intuição, o sentido que aí se encontra depositado; é ele igualmente que, para além do tempo, funda horizontes de significações que a história não terá senão de explicar em seguida, e onde as proposições, as ciências, os conjuntos dedutivos encontrarão, afinal, seu fundamento (FOUCAULT, 2009, p. 47).

Podemos citar como sujeito fundante, Sigmund Freud, que, ao escrever sobre o mal-estar que assola(va) a sociedade, funda um novo efeito de sentido para o ser/estar no mundo, discurso este fonte de pesquisas posteriores. Segundo Foucault (2015, p. 7), “os problemas colocados são os mesmos, provocando, entretanto, na superfície, efeitos diversos”.

Além da ótica do sujeito fundante, Foucault (2009) também menciona duas outras: uma filosofia da experiência originária e a filosofia da mediação universal. O discurso, segundo ele, “nada mais é do que um jogo de escritura, no primeiro caso, de leitura, no segundo, de troca, no terceiro, e essa troca, essa leitura e essa escritura jamais põem em jogo senão os signos” (FOUCAULT, 2009, p. 49). São, pois, os discursos de origem (textos religiosos, jurídicos, literários e científicos) retomados por atos de fala “novos”, que resgatam sentidos, atualizam-nos e modificam-nos, ou seja, trata-se dos “discursos que, indefinidamente, para além sua formulação, são *ditos*, permanecem ditos e estão ainda por dizer” (FOUCAULT, 2009, p. 22). “O já-dito não seria simplesmente uma frase já pronunciada, um texto já escrito, mas um ‘jamais-dito’, um discurso sem corpo, uma voz tão silenciosa quanto um sopro, uma escrita que não é senão o

vazio de seu próprio rastro” (FOUCAULT, 2015, p. 30). Em outras palavras, todo discurso é marcado por outros enunciados que o antecedem e o sucedem, que fazem parte de outras discursividades ou relações interdiscursivas. Há, ainda, que se atentar, de acordo com o autor, para as condições de funcionamento do discurso atreladas a certo número de regras ou coerções discursivas, “as que limitam seus poderes, as que dominam suas aparições aleatórias, as que selecionam os sujeitos que falam” (FOUCAULT, 2009, p. 37).

A grande questão ao empreender uma análise discursiva, portanto, reside em perguntar: “como apareceu um determinado enunciado, e não outro em seu lugar?” (FOUCAULT, 2015, p. 33) ou “que singular existência é esta que vem à tona no que se diz e em nenhuma outra parte?” (FOUCAULT, 2015, p. 34), tendo em mente que “um enunciado é sempre um acontecimento que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente. [...] é único como todo acontecimento, mas aberto à repetição, à transformação, à reativação” (FOUCAULT, 2015, p. 34-35). Segundo Foucault (2015, p. 34), a análise discursiva visa a “compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação”. Busca também determinar suas condições de existência, estipulando seus limites de forma mais justa, estabelecendo as correlações com outros enunciados ao qual possivelmente está atrelado e mostrando quais outras formas de enunciação ele exclui. Sobre as relações entre os enunciados, Foucault (2015, p. 35) menciona que “fazer aparecer, em sua pureza, o espaço em que se desenvolvem os acontecimentos discursivos não é tentar restabelecê-lo em um isolamento que nada poderia superar; não é fechá-lo em si mesmo; é tornar-se livre para descrever, nele e fora dele, jogos de relações”. Refere-se a indagar “que espécie de laços reconhecer validamente entre todos esses enunciados que formam, de um modo ao mesmo tempo familiar e insistente, uma massa enigmática?” (FOUCAULT, 2015, p. 39). Ademais, ao empreender uma análise, a questão é “saber se a unidade de um discurso é feita pelo espaço onde diversos objetos perfilam e continuamente se transformam, e não pela permanência e singularidade de um objeto” (FOUCAULT, 2015, p. 40).

Para os dois Micheis, a análise discursiva engloba não só a materialidade linguística, ou seja, os signos usados nos dizeres, mas também e principalmente as condições de produção, isto é, a consideração do discurso como acontecimento. A este respeito, Foucault (2009, p. 59) compreende os discursos como “séries regulares e distintas de acontecimentos”, séries homogêneas e descontínuas. Acontecimento, para o autor, por um lado, não se refere a

nem substância nem acidente, nem qualidade, nem processo; o acontecimento não é da ordem dos corpos. Entretanto, ele não é imaterial; é sempre no âmbito da materialidade que ele se efetiva, que é o efeito; ele possui seu lugar e consiste na relação, coexistência, dispersão, recorte, acumulação, seleção de elementos materiais; não é o ato nem a propriedade de um corpo; produz-se como efeito de uma dispersão material (FOUCAULT, 2009, p. 58).

Por outro lado, não se trata “nem da sucessão dos instantes do tempo, nem da pluralidade dos diversos sujeitos pensantes, trata-se de cesuras que rompem o instante e dispersam o sujeito em uma pluralidade de posições e funções possíveis” (FOUCAULT, 2009, p. 58). Por este viés de análise, é essencial acolher

cada momento do discurso em sua irrupção de acontecimentos, nessa pontualidade em que aparece e nessa dispersão temporal que lhe permite ser repetido, sabido, esquecido, transformado, apagado até nos menores traços, escondido bem longe de todos os olhares, na poeira dos livros. Não é preciso remeter o discurso à longínqua presença da origem; é preciso tratá-lo no jogo de sua instância (FOUCAULT, 2015, p. 31).

A análise do discurso não desnuda a universalidade de um sentido, mas “mostra à luz do dia o jogo de rarefação imposta, com um poder fundamental de afirmação. Rarefação e afirmação, rarefação, enfim, da afirmação e não generosidade contínua do sentido, e não monarquia do significante” (FOUCAULT, 2009, p. 70). O autor aponta algumas exigências de método que realizar a análise nesta perspectiva implica: os princípios da inversão, de descontinuidade, de especificidade e da exterioridade. Além disso, há quatro noções que devem servir de princípio regulador para analisar o discurso, “a noção de acontecimento, a de série, a de regularidade, a de condição de possibilidade” (FOUCAULT, 2009, p. 54), ou seja, uma forma de analisar distinta daquela forma praticada pela história tradicional das ideias, na qual estão em oposição: acontecimento X criação; série X unidade; regularidade X originalidade; condição de possibilidade X significação.

A análise discursiva deve, portanto, considerar as condições de emergência de um fenômeno discursivo e sua regularidade, bem como as condições sócio-históricas que proporcionaram sua dispersão. Chegamos à noção de Formação Discursiva (FD), definida como regras e circunstâncias para a emergência de determinados enunciados. Uma FD é evidenciada quando é possível determinar um conjunto semelhante de regras de formação enunciativa.

Nesse sentido, pode-se “mostrar como qualquer objeto do discurso em questão aí encontra seu lugar e sua lei de aparecimento; [...] mostrar que ele pode dar origem, simultânea ou sucessivamente, a objetos que se excluem, sem que ele próprio tenha de se modificar” (FOUCAULT, 2015, p. 54). Assim, não nos é possível falar qualquer coisa em qualquer momento e

não é fácil dizer alguma coisa nova: não basta abrir os olhos, prestar atenção, ou tomar consciência, para que novos objetos logo se iluminem e, na superfície do solo, lancem sua primeira claridade, [...] O objeto não espera nos limbos a ordem que vai liberá-lo e permitir-lhe que se encarne em uma visível e loquaz objetividade; ele não preexiste a si mesmo, retido por algum obstáculo aos primeiros contornos da luz, mas existe sob as condições positivas de um feixe de relações (FOUCAULT, 2015, p. 54-55).

A noção de FD está relacionada “ao que se pode dizer somente em determinada época e espaço social, ao que tem lugar e realização a partir de condições de produção específicas, historicamente definidas” (FERNANDES, 2007, p. 56). Trata-se do resultado de um campo de configurações que faz emergir os dizeres e os sujeitos socialmente organizados em um dado momento histórico. Refere-se à “possibilidade de explicitar como cada enunciado tem o seu lugar e sua regra de aparição, e como as estratégias que o engendram derivam de um mesmo jogo de relações” (FERNANDES, 2007, p. 64). No entanto, uma FD não se limita somente a uma época, uma vez que, em seu interior, encontram-se elementos que existiram em diferentes espaços sociais, em outros momentos históricos, mas que se presentificam sob novas condições de produção, integrando um novo contexto histórico, e, conseqüentemente, promovendo outros efeitos de sentido (FERNANDES, 2007).

Os sentidos, ou melhor, os efeitos de sentido, manifestam-se, não apenas segundo as posições dos sujeitos, mas também em relação às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem, apontando para a FD, isto é, para “aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que deve ser dito” (ORLANDI, 2009, p. 43). Uma FD revela as formações ideológicas que a integram e, em seu interior, há a presença de vários discursos, elementos vindos de outras formações discursivas. Assim, as FD são constituídas pela contradição, pois nunca são homogêneas nelas mesmas e suas fronteiras são fluidas, configurando-se e reconfigurando-se, *ad eternum*, nas suas relações, sempre pressupondo outras formações discursivas que podem

contradizê-las e refutá-las. “Em toda e qualquer formação discursiva, as contradições representam uma coerência visto que desvelam elementos exteriores à materialidade linguística, mas inerentes à constitutividade dos discursos e dos sujeitos” (FERNANDES, 2007, p. 75). Devido à fluidez e à heterogeneidade, uma FD pode ser apenas parcialmente apreendida, pois “caracteriza-se por uma incompletude e tem uma natureza complexa na sua própria dispersão histórica” (FERNANDES, 2007, p. 54).

A FD na qual o enunciador se insere para que suas palavras produzam determinados efeitos de sentido, além de ser constituída por relações interdiscursivas (fios interdiscursivos) que se engendram no intradiscurso, está atrelada às condições de produção. O reconhecimento de determinados sentidos e não de outros se faz possível ao entrevermos os discursos que constituem a memória discursiva, constituída pelo já-dito, o que nos permite pensar no interdiscurso como lugar de constituição do(s) sentido(s) que escapa(m) à intencionalidade de quem diz. Portanto, podemos afirmar que o(s) sentido(s) de um mesmo enunciado e/ou de uma mesma palavra nunca será/serão o(s) mesmo(s) devido à inscrição dos sujeitos em diferentes FD.

Cabe atentar para o fato de que discurso não é sinônimo de texto, está além do texto, imbricado na História, caracterizando-se “pela raridade e pela regularidade para Foucault e pela particularidade das classes sociais, por suas lutas entre si e por suas contradições para Pêcheux” (PIOVEZANI; CURCINO; SARGENTINI, 2014, p. 9). E, como nos aconselha Foucault (2015, p. 26), “é preciso também que nos inquietemos diante de certos recortes ou agrupamentos que já nos são familiares”.

4. A ATIVIDADE DO ANALISTA DO DISCURSO

Partindo da materialidade linguística do seu *corpus*, o analista do discurso precisa chegar ao modo como se organizam e se produzem os sentidos; *corpus* este que, segundo Fernandes (2007, p. 81), apresenta-se a ele como um “universo discursivo marcado por instabilidade, que explicita as movências e a inquietude dos sujeitos”, adotando a concepção de sujeito discursivamente constituído que se cliva na linguagem, compreendido na sua heterogeneidade e com determinações sócio-histórico-culturais permeadas pelo inconsciente.

Nessa perspectiva, analisar o discurso implica, segundo Orlandi (2009, p. 16), levar em conta o homem na sua história e considerar tanto os processos quanto as condições de produção da linguagem, uma vez que há uma ligação, via língua, entre os sujeitos que falam esta língua e as situações nas quais os dizeres são produzidos. Em outros termos, “para encontrar regularidades da linguagem em sua produção, o analista do discurso relaciona a linguagem à sua exterioridade”. Segundo Orlandi (2009), é possível considerar a exterioridade, ou condições de produção, em sentido estrito ou amplo: neste, incluindo o contexto sócio-histórico-ideológico; e naquele, as circunstâncias da enunciação, com o intuito de buscar “ouvir naquilo que o sujeito diz, aquilo que não diz mas que constitui igualmente os sentidos de suas palavras” (ORLANDI, 2009, p. 59).

A questão fulcral para o analista é a “escuta” do *corpus*, tarefa que se inicia pela descrição desse *corpus*. É, ainda, imprescindível, como se afirmou, a observação das condições de produção de tal *corpus* para, então, buscar conceitos, teorias, formulações, onde quer que seja, a fim de compreender como e por que o mundo, os sujeitos, as relações de poder-saber chegaram a significar o que significam, no momento em que irrompem discursivamente no acontecimento, procurando entrever as possíveis brechas para fazer/ser diferentemente. Por ser a produção de sentidos da ordem da singularidade, seria um contrassenso ter um referencial teórico rígido e fixo ao qual deveriam ser encaixadas todas as pesquisas, sujeitos, discursos; cabe ao analista do discurso buscar fontes teóricas confiáveis que possam explicar as regras de formações discursivas e as condições socioideológicas que atravessam os enunciados.

Vale mencionar, com base em Ball (2013), que Foucault usa o termo discurso de formas diferentes ao longo de seu trabalho, mas ele estava mais preocupado com as estruturas e regras que o constituem do que com os textos ou falas nele produzidos. Para a concepção foucaultiana, o discurso não está presente no objeto em si, mas possibilita que este surja, ou ainda, trata-se das condições nas quais certos discursos são ou não considerados verdadeiros/válidos. Nas palavras do próprio Ball (2013, p. 21), “a materialidade do discurso também chama a atenção para arquiteturas, organizações, práticas e sujeitos e subjetividades (incluindo o autor) como

manifestações do discurso, e mais uma vez sublinha os mal-entendidos que envolvem reduzir o discurso à língua”⁴.

Cavallari (2005), ancorada em Pêcheux em interface com a Psicanálise, menciona que tanto a abordagem discursiva quanto a psicanalítica exploram a relação do sujeito com a materialidade linguística que, de acordo com a autora, comporta falhas e torna possível algo de material sobre o inconsciente e a ideologia. A autora salienta que “as coisas das quais se falam estão inscritas em uma filiação sócio-histórico-ideológica, tendo em vista que os discursos não significam independentemente das redes de memória e dos trajetos sociais, nos quais ele irrompe”. Ademais, a perspectiva da AD, assim como a psicanálise, “lança-nos ao heterogêneo, ao desconhecido, ao Outro, uma vez que possibilitam o deslocamento de sentidos estabilizados e que escapam ao sujeito de linguagem” (CAVALLARI, 2005, p. 28). Entendemos que não cabe ao analista “julgar”, no sentido moral do termo, os sujeitos e os discursos que são vislumbrados pela análise, mas, sim, é de sua função tecer uma descrição do funcionamento discursivo dos dizeres que compõem o *corpus*; funcionamento este que, por estar determinado sócio-histórico-ideologicamente, leva o analista à etapa da interpretação. Assim, “analisar o discurso implica interpretar os sujeitos falando, tendo a produção de sentidos como parte integrante de suas atividades sociais” (FERNANDES, 2007, p. 21).

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Gostaríamos de finalizar este artigo não com um tom conclusivo e definitivo, mas, antes, com um tom reflexivo, porque não é nosso intuito chegar a um ponto síntese, mas, sim, ampliar as possibilidades de visão e de contribuição de Pêcheux e Foucault aos analistas de discurso que objetivem tomar a AD francesa como pressuposto teórico em suas análises. Nesse sentido, ressaltamos que os “Micheis” tomados aqui como foco para a interlocução, embora fazendo parte de um mesmo contexto sócio-histórico, estavam sensíveis a empreendimentos teóricos não idênticos, mas que, em certa medida, dialogavam. Fica evidente, nos percursos teóricos desses dois grandes pesquisadores, a importância que atribuíam aos aspectos de exterioridade

⁴ Em inglês: “the materiality of discourse also draws attention to architectures, organizations, practices and subjects and subjectivities (including the author) as manifestations of discourse, and again underlines the misunderstandings involved in reducing discourse to language”.

do discurso, às condições contextuais de sua emergência, à descrição de sua materialidade, à busca pelas regularidades discursivas e aos fatores que as possibilitavam.

Podemos afirmar que Foucault, mais preocupado com as relações de poder-saber e com seu empreendimento arqueológico, via o discurso como possibilidade mediadora, isto é, como fonte pela qual se revelavam trajetórias/ direções/ caminhos/ forças do poder que explicariam o funcionamento social da modernidade e pós-modernidade. Já Pêcheux considerava o discurso como objeto de estudo *a priori*. Assim, seu objetivo amplo era o de compreender as produções de sentidos advindas das formações discursivo-ideológicas ou que estavam fortemente relacionadas a elas. Era mais que um empreendimento teórico; era, sobretudo, um empreendimento político.

Não é o caso de estabelecer paralelos rígidos por meio dos quais contraporíamos Pêcheux e Foucault. Traçando diferentes interesses investigativos, eles trabalharam em uma vertente discursiva, contribuindo para a concretização dela como um campo de pesquisa sólido e interdisciplinar, segundo a qual o discurso, tomado como essencial na análise, permite desvendar a sociedade, seus movimentos, suas contradições.

REFERÊNCIAS

BALL, S. J. **Foucault, Power, and Education**. New York: Routledge, 2013.

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à análise do discurso**. 2. ed. rev. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2004.

CAVALLARI, J. S. **O discurso avaliador do sujeito-professor na constituição da identidade do sujeito-aluno**. 2005. 218 f. Tese de Doutorado em Linguística Aplicada. Universidade Estadual de Campinas, 2005.

FERNANDES, C. A. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. 2. ed. São Carlos: Claraluz, 2007.

_____. **Discurso e sujeito em Michel Foucault**. São Paulo: Intermeios, 2012.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. 18. ed. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2009.



FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

GREGOLIN, M. R. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos & duelos**. 2. ed. São Carlos-SP, Editora Claraluz, 2006.

MASCIA, M. A. A. **Investigações discursivas na pós-modernidade: uma análise das relações de poder-saber do discurso político educacional de língua estrangeira**. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

MAZIÈRE, F. **A análise do discurso: história e práticas**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

ORLANDI, E. P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 8. Ed. Campinas, SP: Pontes, 2009.

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 4. ed. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas-SP: Pontes Editores, 2006.

PIOVEZANI, C.; SARGENTINI, V. (Orgs.). **Legados de Michel Pêcheux: inéditos em análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2017.

PIOVEZANI, C.; CURCINO, L.; SARGENTINI, V. (Orgs.). **Presenças de Foucault na Análise do Discurso**. São Carlos-SP: EdUFSCar, 2014.

POSSENTI, S. **Discurso, estilo e subjetividade**. 1986. 310f. Tese de doutorado em Ciências. Universidade Estadual de Campinas, 1986.

Luciana AZEREDO

Doutora em Educação pela USF, Mestra em Linguística Aplicada pela UNITAU, professora de Educação Básica e Superior no CEFET-MG.

Viviane Dinês BARTHO

Doutora em Letras pela USP, Mestra em Linguística Aplicada pela UNITAU, professora de Ensino Básico Técnico /Tecnológico e Superior no IFSP.

Recebido em 02/03/2020 - Aceito em 06/06/2020